100 ANOS

Mauricio Guarnieri/Folha Imagem

No restaurante Kinoshita, o arquiteto Naoki Otake se inspirou em casas tradicionais japonesas, embora tenha feito adaptações, como a parede de pedra

Mesmo que você não tenha um futon no quarto, um ikebana na sala e bowls de cerâmica na cozinha, pode ter certeza de que o Japão está presente na decoração de sua casa, nem que seja no armário embutido. No próprio armário embutido, aliás –uma das criações do país do Sol Nascente, hábil em lidar com restrição espacial e adepto da eliminação de excessos, conceito definido como minimalismo.

A estética despojada ditou moda em diversos setores durante os anos 1980, e não apenas no Brasil, onde a presença japonesa na arquitetura e no design são anteriores a essa década. São cem anos de convivência e trocas, que inseriram dezenas de objetos originalmente japoneses. Muitos ganham versões criadas por designers brasileiros ou inspiram inovações na forma ou no material: biombos, jogos americanos de palhinha, bandejas de bambu, copos de cerâmica, tatames, luminárias de papel, estampas inspiradas em grafismos.

A adoção de idéias e técnicas japonesas pelo Ocidente começou antes ainda da imigração para o Brasil, com a abertura diplomática e comercial do Japão que, até o ano de 1868, ainda sob regime feudal, mantinha-se isolado do mundo. Artistas plásticos, arquitetos e outros criadores europeus, especialmente os franceses, adotaram o estilo japonês como fonte de inspiração, em um movimento chamado "japonismo". Uma das conseqüências desses ventos inovadores do Oriente foi nada menos que a criação da escola Bauhaus, na Alemanha, em 1919, divisor de águas na história da arquitetura e do design contemporâneos.

É arriscado afirmar, portanto, quanto dessa influência entre os criadores brasileiros veio diretamente com os imigrantes, ou foi trazida por europeus e norte-americanos que adotaram conceitos e técnicas japoneses. "As mudanças na arquitetura sob influência do Japão começaram no início do século passado, com nomes como Mies van der Rohe e Frank Lloyd Wright. No Brasil, o arquiteto Oswaldo Arthur Bratke criou casas com essas referências, mas com soluções adaptadas aos trópicos. Um exemplo é seu projeto de 1950 para a residência de Maria Luísa e Oscar Americano [onde hoje funciona a fundação de mesmo nome, no Morumbi]." Quem diz isso é o arquiteto paulista Naoki Otake, que se especializou na arquitetura residencial japonesa.

Naoki morou quatro anos e meio no Japão, três dos quais em um templo budista, em uma vila afastada de Tóquio, onde participou da recuperação de uma casa rural. No ano e meio em que viveu na capital, trabalhou em um escritório que se dedicava a construir casas japonesas, "raras hoje em dia, porque são feitas de materiais naturais e montadas com encaixes e cravilhas", diz ele, que desenvolveu o projeto do restaurante Kinoshita, inaugurado em fevereiro deste ano, na Vila Olímpia.

A casa japonesa tradicional fica solta do solo, suspensa –forma encontrada para minimizar efeitos de terremotos. São usadas madeira, pedra, palha e água nos jardins de contemplação. Tem jogos de luz e sombra a partir de iluminação natural. E ainda apresenta espaços internos com poucos móveis e modulláveis, graças a paredes deslizantes, de papel (shoji).

Uma réplica de uma casa desse tipo está montada na exposição "Nippon – 100 Anos de Integração Brasil-Japão", no Centro Cultural Banco do Brasil do Rio de Janeiro (onde ficam até 13 de julho, seguindo depois para Brasília). Denise Mattar, curadora da mostra, revela sua surpresa ao ver a montagem da casa se consumar em apenas quatro horas. "São estruturas modulares de madeira, que se encaixam. Na Idade Média, o Japão já tinha conhecimento da construção pré-fabricada", afirma.

Divulgação

Delicado, o cardume flutuante, de Lucas Isawa, é uma idéia que tem raiz em uma tradição japonesa –o Koinobori, a carpa colorida que celebra o Dia dos Meninos, no Japão